

Apresentação

O dossiê temático número 21 da **Revista Boitató**, intitulado *Núcleos canônicos e periféricos em diálogo com os novos media*, teve como mote os seguintes questionamentos: o que define uma voz como tradicional? Que elementos caracterizam determinada narrativa como periférica? Quais as normas, presentes no ambiente digital, que determinam que uma história é ou não canonicamente aceita? A partir disso, buscou-se elencar diversas contribuições que revelam a diversidade de produções e saberes que trazem em diálogo reflexões acerca de tradição, periferia, cânone e os novos medias. Neste sentido, torna-se imperativo perceber como fronteiras antes tão supostamente rígidas passam a amalgamar-se tendo em vista a urgente necessidade de reconhecer que a constituição de um cânone faz-se para além do que se pretende tradicional. As narrativas que compõem o amplo tecido de textos que circulam e transformam-se na tentativa de manterem-se atuais e conectados, evidenciam estratégias que surgem como mecanismos de defesa, mas também como modos de produção que se atualizam e reconhecem-se como parte de uma grande obra que se constrói com diferentes meios de produção, circulação e recepção.

Quando os narradores contemporâneos apropriam-se de novos meios, sobretudo dos digitais, refletem a necessidade de os espaços canônicos voltarem seu olhar para sujeitos que não necessitam do papel, da história contada ou da imagem para legitimarem-se, mas que podem se inscrever na sociedade pela junção de todas essas possibilidades, do que se conhece como hipermídia. E, se o meio é a mensagem, como bem afirmou Marshall MacLuhan, o ambiente digital pode ser entendido como um espaço de autoafirmação identitária e auto-representação de sujeitos que são parte de um mundo globalizado, que potencializa a diferença e a exposição constante de cada cultura às outras, de uma identidade pessoal àquela do outro (BARBERO, 2004). No caso das literaturas e culturas periféricas as outras culturas estarão representadas pela elite, que será também o outro da relação. Mesmo com a abertura do campo literário para essas produções, sabe-se que ainda há uma visão da periferia como lugar em que os estigmas são supervalorizados. As manifestações a partir do ambiente digital são, portanto, arma de luta para a redenção dos próprios sujeitos em relação às suas fragilidades, mas também resistência em relação à forma como são vistos pelos que têm o domínio da hegemonia dos saberes.

Embora mostre-se em constante crescimento um grande número de produções e discussões que têm em comum o reconhecimento das artes periféricas, é preciso, pois, compreendê-las como constituintes da formação identitária brasileira, tendo em vista que divulgam práticas culturais que forjam não apenas nosso imaginário, mas, sobretudo, nossas memórias, que se constroem com os contornos do que Paul Zumthor denominou *mouvence*.

Em “O etnotexto como mídia”, artigo que abre este dossiê, **Alexandre Ranieri** busca compreender a voz em sua emissão não registrada e etnotextual enquanto mídia e submetê-la aos estudos das materialidades da literatura.

O artigo “Tradição oral e tecnologia: duas faces da literatura de Manu Maltez em Meu tio lobisomem”, de **Elizabeth Cardoso**, reflete sobre os contornos adquiridos pela tradição oral, na literatura infantil e juvenil na contemporaneidade, ao evidenciar os desdobramentos provocados pelo lançamento de uma mesma obra em papel e em sua versão digital.

Em “Acendam-se os holofotes, abram-se as cortinas: João Grilo invade o teatro e o cinema”, **João Evangelista do Nascimento Neto** problematiza como o personagem João Grilo transita entre a cultura oral e a cultura escrita, figurando nos mais diversos espaços, passando a ocupar lugares privilegiados como o teatro, o cinema e a televisão.

“Enunciação e subjetividade no documentário Bicicletas de Nhanduru: um olhar para a linguagem verbal e audiovisual nas narrativas tradicionais indígenas”, de **José Carlos Felix e Francisco Gabriel Rêgo**, intenta situar as enunciações verbais no discurso mítico da comunidade, que se configuram nas narrativas tradicionais, além de refletir acerca da relação com instâncias audiovisuais e imagética. Os autores problematizam a questão da representação dos sujeitos, levando em conta suas apropriações das linguagens tanto verbal quanto audiovisual presentes nas narrativas indígenas da contemporaneidade.

Em “As ressignificações da arte de contar histórias na contemporaneidade”, **Luciene Freitas Mota, Silvana Regina Echer e Maria Helena Bonilla** discutem a arte de contar histórias pelo viés do ciberespaço, dando ênfase à convergência e ressignificação das narrativas no ambiente virtual.

A partir de “Reimaginações literárias distribuídas entre o papel e o ecrã: o caso de *Composition N.º. I*”, **Sandra Bettencourt** dá destaque às novas possibilidades de criação narrativa a partir do ambiente digital, pretendendo compreender, com base em *Composition N.º. I*, de Marc Saporta de que modo a transformação e a transdução do texto esclarece sua condição textual e literária na contemporaneidade.

Já em “A relação contracultura e literatura periférica nos grupos de jovens das favelas brasileiras: diálogos possíveis”, **Vyrna Valença Perez e Mauren Pavão Przybylski** pretendem tensionar os

movimentos contemporâneos de contracultura não só como legitimadores dessas histórias de vida, mas também como criadores de um espaço para investimento nas trajetórias individuais dos artistas e líderes dos grupos que são veiculadas na sua produção artística e cultural, com base na análise das práticas que advém dos estudos das poéticas orais (canto, música e dança).

Na seção livre, apresentamos artigos que não necessariamente dialogam com o que propomos, mas que estão dentro da proposta da revista: disseminar trabalhos inéditos decorrentes de produções científicas de pesquisadores nacionais e estrangeiros que investigam as poéticas orais e a literatura popular.

Com “A voz do subalterno na performance do catira”, **Adenilson Moura Vasconcelos** traz à baila o conceito de subalternidade para pensar sobre o lugar ocupado pelo cantador rural e sua voz nas apresentações da catira, requerendo a esta o lugar de música e àquele o empoderamento necessário para se fazer ouvir.

A partir de “A Literatura Marginal e seus mecanismos de legitimação e consagração”, **Ana Paula Franco Nobile Brandileone**, destacando do movimento *IdaSul*, fundado por Ferréz, além de outras instâncias de legitimação que promovem a circulação da produção literária marginal, busca reiterar como os diferentes instrumentos de conexão utilizados pelos autores marginais são capazes de produzir a circulação dos seus produtos literários.

“Bases da literatura oral: uma análise do contexto da lira popular e da literatura de cordel com base em ‘literatura e subdesenvolvimento’”, de **Anderson Morales Velloso**, propõe um paralelo entre a lira popular chilena e a literatura de cordel, analisando as condições nas quais estas surgem e se desenvolvem de modo a figurarem como escolhas literárias em contextos que dificultam o acesso à literatura canônica escrita.

Por sua vez, **Ari Lima e Carla do Espírito Santo Xavier**, em “A família dos negões: identidade e territorialidade em um quilombo baiano”, trazem à tona os conceitos de identidade e territorialidade para pensar sobre a comunidade Chã, localizada em Teodoro Sampaio/BA.

Em “‘Recifrando’ acordes: marabá das bordas”, **Hiran de Moura Possas, Adriana de Araújo dos Santos e Larissa de Sousa e Silva** elegem a cidade de Marabá como território de fronteira no qual é preciso oportunizar o acesso a outras alteridades presentes na literatura, rompendo com as barreiras impostas pela literatura hegemônica.

“Tradição Afro-brasileira e cultura oral em processo de editoração”, de autoria de **Juliana Alves Franco-Garbim** objetiva compreender que relações são estabelecidas entre o mercado editorial e a publicação de livros quando se trata de autoria negra. A pesquisadora analisa o papel assumido pelo mercado editorial no que se refere a textos que pertencem a uma tradição

eminentemente oral.

Por sua vez, em “Registros do Capitão David: memória e performance na inscrição do candomblé da Lapinha”, **Ridalvo Felix de Araujo** propõe, a partir de registros de Seu David, capitão do Candomblé da Lapinha (MG), analisar a narrativa de fundação da tradição do Candomblé e de alguns cantos que se intercalam nos manuscritos do capitão, a partir do discurso memorialístico, da história, do narrador tradicional benjaminiano e das poéticas orais sendo, para além da escrita, a mídia audiovisual um artefato imprescindível para a apreciação da narrativa fundacional.

“Diálogos entre oralidade, memória e literatura em Manaus nos anos 60 (século XX)”, artigo proposto por **Arcângelo Ferreira da Silva e Vinicius Alves do Amaral**, analisa as tensões entre os conceitos palavra escrita, palavra falada, linguagem e memória em torno das obras de Arthur Engrácio e Carlos Gomes, escritores amazonenses.

Em “O narrador do gueto: gírias, *rap* e jornalismo policial de Ferréz”, **Gilmar Penteado** partindo da polêmica envolvendo a autoproclamada marginalidade de escritores de periferia arregimentados por Ferréz, contextualiza o movimento e aponta as diretrizes de seu manifesto.

“As toadas de bumba-meu-boi e o cantador no contexto da pós-modernidade”, de **Ludmila Portela Gondim**, apresenta as toadas do bumba-meu-boi como texto híbrido, no qual som, ritmo e palavra são convidados à cena nos contextos de performance, refletindo acerca da inserção de práticas tradicionais na pós-modernidade.

A entrevista “A voz da poesia periférica por ela mesma: uma conversa com Sandro Sussuarana” pretende apresentar outros espaços periféricos de produção narrativa que não os já legitimados de São Paulo. O Sarau da Onça é um espaço de grande representatividade da periferia de Salvador e, sendo este número da **Revista Boitatá** dedicado aos “Núcleos canônicos e periféricos em diálogo com os novos media”, consideramos importante trazer a voz de um morador de periferia, poeta, agitador cultural e que faz uso das novas tecnologias para legitimar sua poesia.

Com a resenha da obra “Tempo de malandragem e preguiça: histórias e transcrições”, de Edil Silva Costa, **Paulo César Souza Garcia** evidencia como conceitos tão usuais na constituição da identidade brasileira são trazidos pela autora ao retomar narrativas orais nas quais estes elementos se destacam, pondo em diálogo memória, oralidade e cultura brasileira. Ao descortinar seu fazer científico, a autora revela também os meandros de sua formação como pesquisadora sensível, que elegeu as poéticas orais como seu escopo de trabalho.

Com este número pretendemos, para além de simplesmente afirmar que é preciso voltar o olhar para outras narrativas, que não apenas as canônicas, trazer reflexões que discutissem tal necessidade. Seja a partir do cordel, do etnotexto, das narrativas indígenas, é preciso que a academia reveja seus critérios para seleção e legitimação do que é ou não aceito enquanto narrativa, passando a compreender os agitadores culturais, cordelistas, repentistas, contadores de histórias não só como sujeitos que produzem narrativas engajadas, mas de caráter literário.

Boa leitura!

Os organizadores